

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Soffa
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMERCIO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

POESIA*

Maria Irene Ramalho

Consta que Platão decidiu banir os poetas da sua cidade ideal porque a poesia mente. E consta também que alguém disse que a poesia não mente, porque a poesia nada diz.

Não é bem assim.

Grande admirador de Homero e dos trágicos gregos, Platão entendia, porém, que só deveria ser admitida na educação dos guardiães da cidade ideal a poesia que apenas louvasse os deuses e os heróis. Na cidade ideal de Platão imperaria o direito e a razão, e não haveria lugar ao prazer e à dor, ao sentimento e à paixão, à crítica e ao contraditório. A poesia parece ser um problema para Platão porque a poesia – ao contrário da filosofia, que na *República* se diz servir, só ela, o bem e a justiça – interrompe o *statu quo*. E desassossega.

Mas é justamente por isso mesmo que a poesia digna desse nome se impõe ainda hoje como parte de uma solução sempre em curso.

Alguém disse já que a língua é poesia fossilizada. No princípio, a palavra coincidia com a coisa, e dizia, com acribia e limpidez, aquilo que é. Mais tarde, a palavra passou a linguajar, de longe, mera informação. Só na poesia digna desse nome continua a palavra a perguntar

pelo seu próprio rigor. Se não interromper, se não interrogar, se não resistir, se não desassossegar – a poesia não cumpre o seu papel de principal interpeladora.

A poesia – que não é adorno ou consolo, antes interrupção e pergunta – não diz a verdade que a filosofia diz dizer. A poesia interpela a verdade e pergunta por ela. A querela entre a filosofia e a poesia, de que Platão dá conta na *República*, continua hoje, lamentavelmente, depois de tanta polémica sobre as duas, três ou quatro culturas, entre as Ciências (Sociais) e as Humanidades.

Mas se o binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo, a Vénus de Milo é tão verdadeira como o binómio de Newton. Ambos são imprescindíveis para o difícil caminhar humano no sentido de um mundo melhor.

É que a poesia não mente. A poesia diz-se. E, ao dizer-se, a poesia diz o mundo. Que seja ouvida, alto e bom som!

* Por vontade da autora, este texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.